

Juventude e universo literário: aproximação pela educomunicação

Lucia Caetano

1. Introdução

O hábito de leitura é uma experiência decisiva na formação subjetiva, social, intelectual e cultural dos indivíduos. No entanto, o Brasil é um dos países que menos lê no mundo: os brasileiros têm metade das horas de leitura do que os asiáticos e lêem em média 2,4 livros por ano. Some-se a isso a baixa qualificação crítica da leitura, conforme indicam os últimos resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), divulgados em dezembro de 2016, que indicam que textos que envolvem integração e interpretação de informações são dos mais difíceis para os estudantes brasileiros.

Esse contexto desafia as organizações que trabalham com educação de crianças e jovens a encontrarem novas formas de praticar e incentivar iniciativas que permitam a meninos e meninas se expressarem, desenvolverem suas competências críticas, ao mesmo tempo que descubrem o prazer e a importância da

leitura em suas vidas. É o caso do projeto *Jovem Repórter nos Festivais Literários*, realizado desde 2013 pelo Instituto Asas Comunicação Educativa e que une a literatura à experimentação das ferramentas de comunicação e tecnologia, de grande interesse do público juvenil. Com isso, tem importante papel no resgate do livro e da leitura como elementos de valorização da cultura e do conhecimento, ao mesmo tempo em que atua nas interligações destes com as múltiplas possibilidades de linguagens e tecnologias que hoje conformam nossa sociedade.

O projeto atua junto aos principais Festivais Literários do país ministrando oficinas multimídias e coberturas jornalísticas como forma de propiciar a inclusão do jovem no rico universo literário, incentivando a aproximação com o território e a cultura local. São parceiros do Instituto Asas: a FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty (RJ); o FLEX – Festival Literário de Extrema (MG); e o Festival da Mantiqueira, de São Francisco Xavier (SP). Adota metodologia baseada nos princípios educacionais de produção colaborativa, dialogismo e autonomização dos sujeitos e tem como referencial as diretrizes para alfabetização midiática e informacional (AMI), da Unesco (Grizzle, 2013).

Em cinco anos, o projeto atendeu 176 jovens, de 11 a 19 anos, a maioria (82%) estudantes de escolas públicas das cidades nas quais são realizados os festivais. Já participaram das atividades educativas mais de 60 autores: Ivan Ângelo, Ruy Castro, Humberto Werneck, Paulo Lins, José Castello, Jacques Fux, Ignacio de Loyola Brandão, Conceição Evaristo e Djamilia Pereira de Almeida, entre muitos outros.

2. Um triste cenário

“É uma vergonha.” Foi assim, com essas ásperas palavras, que o ex-ministro da Cultura Juca Ferreira descreveu o nível de leitura do brasileiro. Com apenas 56% de leitores¹, ou seja, pessoas que leram pelo menos um livro, inteiro ou em partes, nos últimos três meses, o País vive, segundo Ferreira, uma

1 Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil edição de 2015. Disponível em: http://pro-livro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf Acessado em 01/10/2018

situação de extrema gravidade em se tratando de competências de leitura da população. “O Brasil, sétima economia do mundo, nunca deu a importância necessária à leitura. É um índice muito baixo para que a gente não fique preocupado, como nação”, discursou o ex-ministro, que defendeu a implementação de campanhas de incentivo à leitura como às que existem para prevenção da paralisia infantil (Ferreira, 2015).

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2015, revela que os brasileiros leem 4,96 livros por ano – sendo 2,43 livros inteiros e 2,53 lidos parcialmente. Trinta por cento da população nunca comprou um livro sequer. E a situação mostra-se ainda mais grave quando comparada globalmente: são apenas 5 horas e 12 minutos por semana de leitura, contra uma média de 10 horas por semana nos países asiáticos². Um triste cenário comprovado pelos resultados das avaliações de leitura do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)³.

Segundo informações do PISA 2015, divulgadas pelo Ministério da Educação, o desempenho médio dos estudantes brasileiros na avaliação de leitura do programa foi de 407 pontos, valor bem inferior à média dos estudantes dos países membros da OCDE⁴: 493. A performance da rede municipal foi ainda pior: 325. A avaliação detecta ainda que os estudantes brasileiros mostram melhor desempenho com textos representativos de situação pessoal (e-mails, mensagens instantâneas, blogues) do que ao lidar com textos de situação pública (textos e documentos oficiais e notícias). E que itens que envolveram localização e recuperação de informação são mais fáceis aos estudantes brasileiros do que aqueles que envolvem integração e interpretação. Ou seja: quanto mais competências críticas e interpretativas são exigidas, mais os resultados se afastam dos índices ideais.

2 Fonte: <https://gizmodo.uol.com.br/mapa-horas-de-leitura/>

3 Acesso em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=42761>

4 O Pisa é o programa internacional de avaliação da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Acesse em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=42761>

Ao mesmo tempo, as novas tecnologias vieram revolucionar as formas como as pessoas se comunicam e se expressam, modificando o estatuto dos saberes e conhecimentos e colocando-se, na visão de alguns, como “concorrentes” do formalismo literário e dos livros impressos. É fato que o modelo baseado na leitura de livros e na linguagem escrita vem sofrendo transformações continuamente, consequência dos diferentes dispositivos ofertados à juventude e da crescente popularidade da cultura audiovisual e digital na educação, e ainda da inoperância das escolas em conseguirem estimular crianças e jovens a lerem e interpretar utilizando as variações impressas, digitais e hipertextuais.

Segundo Barbero (2000), há basicamente dois grandes tipos de dinâmicas que movem as mudanças da sociedade atual. A primeira delas é a aparição de um ecossistema comunicativo, materializado, por exemplo, na relação com as novas tecnologias, especialmente da juventude. Para o autor, os jovens têm maior empatia cognitiva e expressiva com as tecnologias e, por isso, compartilham de novos modos de perceber o mundo, o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o próximo e o distante. “Trata-se de de uma experiência cultural nova, ou, como chamou Walter Benjamin, um *sensorium* novo. Novos modos de perceber e de sentir; uma nova sensibilidade que, em muitos aspectos, se choca e rompe com o *sensorium* dos adultos” (2000, p.55).

A segunda dinâmica de que nos fala Barbero se concretiza com o surgimento de um ambiente educacional difuso e descentrado, no qual estamos imersos. Um ambiente de informação e de conhecimentos múltiplos que foge ao sistema educativo que ainda nos rege e que, na visão do autor, tem muito claros seus dois eixos: a escola e o livro. O saber, agora, é fragmentado e disperso e pode circular fora dos lugares sagrados aos quais estava circunscrito, e longe das figuras sociais que antes o administravam.

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e centralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional. Diante de um professor que sabe recitar muito bem sua lição, hoje senta-se um alunado que, por osmose com o meio-ambiente

comunicativo, está embebido em outras linguagens, saberes e escrituras que circulam pela sociedade (Barbero, 2000, p.55).

Se, como nos ensina Paulo Freire – tão desacreditado nestes tempos obscuros em que engendra-se uma feroz perseguição ideológica àqueles que defendem uma educação crítica e libertária –, “o ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim, implica na relação que eu tenho com esse mundo” (Freire, 1981), esse novo *sensorium* está atravessado pelas experiências estéticas e cognitivas de uma multiplicidade de linguagens e discursos que articulam os sentidos, sejam eles impressos, audiovisuais ou hipertextuais.

Nos inícios do século XXI, aprender a ler os textos audiovisuais e hipertextos é condição indispensável da vigência e do futuro dos livros – só se os livros nos ajudarem a nos orientar no mundo das imagens, o tráfico de imagens nos fará sentir a necessidade de ler livros – e parte de um direito cidadão fundamental: o direito a participar crítica e criativamente na comunicação cidadã (Barbero, 2014, p.57).

Assim, de pouco adiantam algumas concepções alarmistas que teimam em atribuir a crise na leitura ao crescimento dos novos meios – em especial dos meios digitais e audiovisuais. Muitas são frutos de resquícios frankfurtianos, que entendiam os meios, principalmente a partir da década de 1940, como uma ferramenta de controle social e de manipulação das massas e que decretaram sua aversão à sedução perpetrada pelo cinema e pelo audiovisual. Ou então consequência, como nos adverte Barbero (2014, p.46), de posições contemporâneas mais “radicais”, como as de Sartori (1997), que identifica a videocultura com o *post pensiero* (pós-pensamento), ou seja, “com a decadência e inclusive o fim do pensamento”.

Não se trata nem de culpabilizar a diversidade de linguagens e as múltiplas experiências expressivas no contexto do ocaso das tecituras escritas, nem tampouco de torná-las salvadoras no panorama da nova sociedade informacional e tecnológica. Mas sim de posicionar os livros e as novas mídias como elementos complementares e interdependentes.

O livro continuará sendo peça-chave na medida em que, a *primeira alfabetização*, a que abre o mundo da escritura fonética, em lugar de fechar-se à cultura letrada, lance as bases para a *segunda alfabetização*, aquela que nos abre às múltiplas escrituras que hoje conformam o mundo do audiovisual e do texto eletrônico. A mudança nos protocolos e processos de leitura (Sarlo, 1998), que, sem dúvida, atravessamos, não significa, não pode nem deve significar, a substituição de um modo de ler por outro, mas sim a complexa articulação de uns e outros, da recíproca inserção de uns e outros, entre livros, quadrinhos, vídeos e hipertextos” (Barbero, 2014, p.51).

Não se pode mais negar a crescente influência das linguagens audiovisual e digital para a cultura e a educação, em especial para uma educação dirigida ao desenvolvimento da leitura crítica, prática social “condicionada historicamente pelos modos de organização e da produção da existência, pelos valores preponderantes e pelas dinâmicas de circulação da cultura (Silva 2009, p.23). Especialmente no contexto brasileiro – em que sobressaem-se a conservação e a reprodução de privilégios e injustiças sociais e as desigualdades que disso decorrem –, a leitura crítica é mecanismo essencial para o entendimento das raízes históricas que levam a essas contradições e para a transformação de realidade brasileira.

A criticidade, como um emblema da cidadania e valor atitudinal, é trabalhada ideologicamente por aqueles que detêm o poder econômico e político. Isso porque a conservação e a reprodução dos esquemas do privilégio dependem, fundamentalmente, da ignorância e do conformismo, aqui tomados como formas de escravidão da consciência” (Silva, 2009, p. 25).

Para Silva, são raras as escolas brasileiras que organizam e implementam ações direcionadas ao “aguçamento da criticidade dos estudantes”, o que pode significar, no longo prazo, o “embotamento ou congelamento da capacidade crítica pela ausência de espaços concretos para colocá-la em prática” (Silva, 2007, p.26). É preciso contemplar os vários e múltiplos usos da leitura: para conhecer, para se informar, para aprimorar a sensibilidade estética, para fantasiar, para se entreter, para resolver problemas e para problematizar e criticar, adotando um posicionamento crítico diante dos fatos e das ideias circulantes:

A leitura crítica sempre leva à produção ou à construção de um outro texto: o texto do próprio leitor. [...] a leitura crítica sempre gera expressão: o desvelamento do ser do leitor. Assim, esse tipo de leitura é muito mais do que simples processo de apropriação de significados; a leitura crítica deve ser caracterizada como um projeto, pois concretiza-se numa proposta pensada pelo ser no mundo (Silva, 2009, p.81).

Esse contexto – em que a compreensão crítica mostra-se condição imprescindível à cidadania e as novas tecnologias assumem papel protagonista, partilhando espaço com a linguagem escrita impressa – desafia organizações e escolas que trabalham com educação de jovens a encontrarem novas formas de praticar e promover ações que permitam a nossos meninos e meninas se conhecerem e se expressarem das mais variadas maneiras, e sob as mais diversas formas de expressão e comunicação, ampliando sua leitura de mundo.

Ao fazê-lo, essas organizações são instigadas a trabalhar processos que preparem nossos jovens para lidar, de forma crítica, com essa multiplicidade de meios, dispositivos e linguagens disponíveis na atual sociedade midiática. Ao mesmo tempo, podem – e devem – construir novos caminhos que os levem a descobrir o prazer da leitura e a riqueza da literatura como construtora de significados, forma de expressão e conhecimento e manifesto de emoções e visões de mundo (Cândido, s/d), estimulando o desenvolvimento de um leitor crítico. É o caso dos projetos educomunicativos do Instituto Asas Comunicação Educativa, realizados em escolas públicas e junto a festivais literários e pólos culturais e comunitários, que utilizam-se das ferramentas de comunicação e tecnologia – de grande interesse entre o público jovem – para endereçar questões relacionadas a direitos humanos, juventude, cidadania, ética, criticidade, importância da leitura, entre outras.

3. O projeto Jovem Repórter nos Festivais Literários⁵

Organização Social de Interesse Público (Oscip) criada em 2009 em São Paulo (SP), o Instituto Asas Comunicação Educativa tem como principal objetivo fo-

5 Site do projeto: <http://www.projetoasas.com.br/festivaisliterarios.html>

mentar uma comunicação ética e consciente, fator essencial para a atual sociedade do conhecimento. Formada por profissionais da área de Comunicação Social e educadores especialistas em Educomunicação, a organização nasceu apenas cinco anos após a chegada das redes sociais ao Brasil, sendo testemunha da urgência de se qualificar o uso e o acesso à internet, ainda incipientes. Tem por finalidade promover ações educativas relacionadas às áreas de Tecnologias de Informação e de Comunicação, Fotografia, Jornalismo, Vídeo, Mídias Digitais, Cultura, Arte Urbana e afins, como estratégia para fomentar a apropriação ética e consciente das ferramentas de comunicação pelos cidadãos, incentivando a produção criativa, a democratização da informação, o protagonismo juvenil em suas comunidades e o exercício dos Direitos Humanos.

A metodologia utilizada baseia-se nos princípios da Educomunicação, campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação que propõe “a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura”⁶, e que propõe uma visão da comunicação mais ética, humanizadora e transformadora.

Desde 2013, o Instituto realiza o projeto educativo e cultural *Jovem Repórter nos Festivais Literários*, que visa aproximar o público jovem da literatura, de forma lúdica e prazerosa e associada aos interesses juvenis. O projeto compõe-se de oficinas multimídias, dirigidas à cobertura jornalística dos festivais literários parceiros. São apoiadores do projeto: a FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty, no Estado do Rio de Janeiro; o FLEX – Festival Literário de Extrema, em Minas Gerais; e o Festival Literário da Mantiqueira, em São Francisco Xavier, SP. Em 2015, como fruto dos resultados obtidos em prol da promoção da leitura entre a juventude, o projeto recebeu o prêmio “Todos por um Brasil de leitores”, concedido pelo Ministério da Cultura (MinC).

O projeto pedagógico do Jovem Repórter parte do princípio de que a leitura é uma prática social libertadora e confere total centralidade ao cidadão, com

6 Fonte: www.usp.br/nce/

base na crença de que nossas crianças e jovens são sujeitos de direitos e, como tal, devem ter respeitadas sua autonomia, suas identidades e suas formas de agir, de se conhecerem e de se expressarem. O reconhecimento dos direitos de nossa juventude – direito à educação de qualidade, à comunicação, à liberdade de expressão, à escuta, ao respeito, ao acesso ao lazer e à cultura, entre outros – passa pela garantia de uma vida social plena e pela promoção de sua autonomia e de seu desenvolvimento integral. Inclui-se aqui a descoberta da literatura, manifestação universal “de todos os homens e de todos os tempos” que, na visão de Antônio Cândido, comporta “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Mais que um prazer ou forma de conhecimento, a literatura parece corresponder a “uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (Cândido, s/d).

Por isso, o projeto tem na descoberta (ou redescoberta) da literatura pela juventude um de seus eixos basilares. Assim, mais que os dispositivos midiáticos e tecnológicos, os dois grandes protagonistas são a literatura e os jovens. Estes últimos são ouvidos em seus interesses e necessidades e têm seus desejos respeitados. A metodologia utilizada incentiva os processos de tomada de decisão por parte dos próprios jovens, em processos criativos colaborativos em que todos têm voz e aprendem a ouvir as diferentes opiniões e a se respeitar mutuamente, exercendo a valoração da diversidade e da autoexpressão.

Além disso, o Instituto acredita que a literatura pode caminhar de forma sincrônica e em estreita articulação com o universo midiático, informacional e tecnológico que os cidadãos têm hoje à sua disposição e que lhes é tão rico e fértil. Assim como o acesso à literatura, o acesso aos sistemas e fluxos informativos e midiáticos exercem papel vital para a promoção dos direitos dos cidadãos e a implementação de sociedades mais democráticas e inclusivas. Em função disso, o projeto Jovem Repórter atua para maximizar o potencial expressivo e comunicacional das mídias e para minimizar os eventuais riscos a elas associadas, incorporando à metodologia adotada as diretrizes para alfabetização midiática e informacional (AMI), da Unesco (Grizzle, 2013).

Nesse sentido, valoriza o desenvolvimento da “autonomia crítica” (Masterman, 1985, p.25-26), em processos de reflexão crítica fundamentais na sociedade atual e para a vida de nossos jovens, auxiliando-os a identificar as construções e representações de veículos de comunicação que apresentam-se onipresentes e direcionam práticas, culturas e comportamentos. O conceito é utilizado por Masterman para identificar um posicionamento crítico endógeno, um entendimento reflexivo midiático “sem que o professor esteja ali”:

Um dos objetivos principais da mídia-educação não deveria ser produzir nos alunos a reprodução de ideias fiéis, insights críticos ou informações fornecidas pelo professor. Nem deveria envolver simplesmente encorajar os próprios insights críticos dos alunos dentro da sala de aula, por mais importante que isso possa ser. A tarefa realmente mais importante e mais difícil do professor de mídia é desenvolver nos alunos suficiente autoconfiança e maturidade crítica para poder aplicar julgamentos críticos aos textos de mídia *que eles encontrarão no futuro*. O teste determinante de qualquer programa de mídia-educação é a medida em que os alunos são críticos em seu próprio uso e compreensão da mídia *quando o professor não estiver lá*. O objetivo primário não é simplesmente a consciência crítica e a compreensão, é a autonomia crítica (MASTERMAN, 1985, p. 25-26).⁷

Assim, os debates, as rodas de conversa e os processos produtivos e colaborativos conduzidos pela equipe pedagógica do Instituto Asas Comunicação Educativa visam desenvolver não apenas a “produção criativa” (Buckingham, 2003) como também as competências críticas, sociais e emocionais hoje fundamentais para o desenvolvimento humano.

4. O projeto pedagógico

As oficinas multimídia Jovem Repórter nos Festivais Literários são dirigidas a estudantes matriculados no Ensino Fundamental II ou no Ensino Médio, em escolas públicas das cidades onde os festivais acontecem. De 20 a 50 vagas são

7 Tradução livre. Grifos na citação são do próprio autor.

abertas por edição do evento, a depender da estrutura cedida pela produção de cada festival. A seleção é feita pela equipe pedagógica do Instituto, a partir do grau de motivação de cada jovem e buscando garantir a diversidade de gênero, raça e idade dos participantes.

Uma vez formadas as turmas, uma oficina preparatória é realizada um ou dois dias antes de iniciar-se o festival. Objetiva a integração da turma e a capacitação nos princípios básicos de cada linguagem a ser trabalhada em campo, constando de três módulos: Jornalismo, Fotografia e Vídeo. Cada um dos módulos inclui debates e rodas de conversa sobre temas transversais relacionados à juventude e à literatura.

Após a oficina preparatória, nos dias em que acontecem os festivais literários, os jovens saem a campo para realizar a cobertura jornalística das atrações do evento. Diariamente, dinâmicas lúdicas apresentam e exploram os autores, as obras literárias e os temas das palestras e debates que compõem a programação. Esta é uma forma prazerosa de sensibilizar os jovens para o universo da literatura e gerar subsídios para que possam elaborar os roteiros de vídeo, produzir textos e fotografias, pautar entrevistas, preparar suas produções multimídia.

Todos os processos – da pauta e roteiro à gravação das entrevistas, passando pela concepção e produção das obras documentais e ficcionais trabalhadas – são decididos pelos próprios jovens, em processos participativos que geram subsídios ricos e diversos para que elaborem suas produções com suas marcas pessoais.

Periodicamente, os jovens repassam o material produzido no dia e, junto com os educadores, avaliam os temas e processos trabalhados, assim como os aspectos técnicos e estéticos de suas produções. Esta dinâmica de ação-reflexão possibilita aos jovens ampla liberdade de criação e reflexão sobre sua prática, e aos educadores uma oportunidade para apresentarem novos conceitos e repertórios.

Durante a cobertura jornalística, os jovens recebem crachá de imprensa e têm acesso a todos os ambientes dos festivais, assim como livre trânsito para entrevistar autores e convidados do evento e público participante, estabelecendo assim uma relação de proximidade também com a comunidade local.

5. Resultados

Os resultados do projeto são sentidos no dia a dia com nossos adolescentes e jovens. Refletem-se na seriedade com que estes conduzem as pautas, no entusiasmo com que entrevistam um escritor, nos momentos em que recebem o almejado autógrafa, nas descobertas realizadas no território, ou então ao analisarem suas produções, sugerindo melhorias, cortes e edições, e expressando as dificuldades e vitórias do processo. Muitos jovens afirmam terem evoluído em suas habilidades comunicacionais, sentem-se mais confortáveis para falar em público e expor suas opiniões e, muito importante, reconhecem o quanto o projeto incentiva o trabalho colaborativo e o relacionamento respeitoso com opiniões e realidade culturais diversas.

Não é raro nas atividades os educadores presenciarem jovens bastante empolgados com certo livro ou com determinado autor. Durante as oficinas, ao conhecerem mais sobre os autores e suas obras, para que possam entrevistá-los, muitos jovens passam a se interessar por suas histórias e temáticas. Além disso, a aproximação presencial entre autores e jovens, de forma natural e informal e muitas vezes intergeracional, desmitifica o caráter elitista e excludente da literatura. “Muito legal esse autor, fiquei com vontade de ler algum livro dele” é frase ouvida várias vezes, expressada de diferentes formas, a cada edição do projeto.

São resultados intangíveis, presentes na qualidade de cada vídeo subido para o blog, em cada ensaio fotográfico ou entrevista postada nas redes sociais – entrevistas que pautam-se por critérios éticos jornalísticos mas que extrapolam as normas padronizadas e hegemônicas da grande imprensa e trazem a marca pessoal dos jovens que as produziram. Esses jovens estão criando novas formas de fazer comunicação e têm se apropriado dessas linguagens de forma criativa e promissora.

O projeto vê ainda a comunicação como mola propulsora de transformação social e transforma parte das cidades em que acontecem os festivais em um grande território educativo. Praças, bibliotecas, escolas, cinema local, centros culturais, todos os espaços urbanos respiram experiências culturais e são in-

seridos na programação das oficinas. O mesmo acontece com os artistas e escritores locais, que têm seus trabalhos divulgados pelas entrevistas realizadas pelos jovens.

Em relação às intervenções comunitárias, um de nossos resultados mais comemorados foi o nascimento do Coletivo @Aleatoriamente⁸, formado a partir de nossas oficinas e que hoje é composto por 28 jovens que atuam com comunicação comunitária por meio do audiovisual, nas comunidades de Paraty. O Coletivo se formou logo após o término da edição do Jovem Repórter na FLIP 2017, quando um grupo de 17 jovens participantes do projeto, tristes com o término das atividades e motivados pelas conquistas acumuladas durante aqueles poucos dias, decidiu que a experiência não poderia parar. “Assim que as oficinas acabaram, sentimos um vazio enorme no coração. Nos reunimos no gramado da igreja Santa Rita de Cássia, para ver o que poderíamos fazer para que o grupo formado nas oficinas não se separasse. Decidimos então formar o Coletivo Jovem Repórter @Aleatoriamente, com o objetivo de defender os direitos da juventude e trazer o audiovisual para Paraty”, explica o jovem Cadu Oliver, de 16 anos, um dos membros do Coletivo.

Mais de um ano depois da formação, o @Aleatoriamente já está consolidado na cidade. Hoje o coletivo auxilia na comunicação e promoção do Território da Juventude, organizado da Coordenadoria da Juventude, da Prefeitura de Paraty, e segundo Cadu foi nomeado a equipe oficial para cobrir eventos municipais dirigidos à juventude. Atualmente, participam do Coletivo 28 jovens paratienses, dos quais 19 são meninas. Enfrentam várias dificuldades, como falta de equipamentos e de *budget* para suas produções, mas o grupo se mantém unido e atuante, com uma produção audiovisual frutífera, baseada em temáticas ligadas aos direitos da juventude, à violência contra os jovens, serviços e políticas públicas da cidade, entre outras questões relacionadas ao dia a dia das comunidades de Paraty.

8 Facebook do @Aleatoriamente: <https://www.facebook.com/coletivojovemreporter/>

Como forma de mensurar os resultados, ao final de cada turma, a equipe do projeto realiza uma auto-avaliação com os jovens participantes. Seguem alguns dos resultados obtidos⁹:

- 176 jovens beneficiados diretamente
- 60 autores convidados para os festivais foram entrevistados pelos jovens
- 59 produções audiovisuais realizadas, com entrevistas e cobertura das atividades dos festivais
- Centenas de ensaios e produções fotográficas
- 100% de satisfação com o projeto (83% excelente + 17% bom)
- 77% julgam excelentes as ações para a cobertura jornalística do festival (20% bom, 3% regular)
- 100% afirmam que aprenderam mais sobre as linguagens trabalhadas (64% sabem muito mais do que sabiam antes; 36% sabem um pouco mais do que antes)
- 99% afirmam que, com as oficinas, conheceram mais sobre a literatura brasileira
- 71% dos jovens ficaram com vontade de conhecer mais sobre um determinado autor
- 89% afirmam que as oficinas os deixaram com mais vontade de ler
- 97% afirmam que passaram a pensar a comunicação de forma mais ética
- 93% acreditam que o projeto auxilia para suas trajetórias futuras e para o seu desenvolvimento

Todos os produtos realizados pelos jovens podem ser acessados pelo site do Instituto Asas: <http://www.projetoasas.com.br/festivaisliterarios.html>

O sucesso a iniciativa pode também ser medido pelo carinho com que o Jovem Repórter é recebido pelos jovens. Nem bem termina uma edição, os recados no grupo de WhatsApp do projeto já demandam o retorno da equipe do Instituto

9 Resultados constantes no Relatório Compilado do projeto Jovem Repórter nos Festivais Literários, edições de 2013 a 2018, fornecido pela gestão do projeto. Amostra da pesquisa: 90 jovens (51% do total de participantes do projeto).

Asas à cidade. E o mesmo acontece no ano seguinte, na época em que o próximo festival é anunciado: o WhatsApp se enche de mensagens perguntando se o projeto voltará à cidade naquele ano também. “O projeto precisa vir à cidade em outros eventos, pois é maravilhoso”, reivindicava Carlos Eduardo Silva, de 16 anos, ao término do Jovem Repórter na FLIP 2017. “Se tivéssemos um projeto desses na escola, não haveria nenhum jovem fora da escola”, declarou Nathalia Moreira, 16 anos, da mesma turma. Marcelo Spomberg, organizador do Festival de Extrema, que já contou com o projeto por três anos consecutivos, também declarou seu apoio: “As oficinas Jovem Repórter foram uma das atividades mais acertadas oferecidas durante o Festival Literário de Extrema, e superou nossas expectativas. A oficina é positiva e divertida, e estimula os jovens nas atividades jornalísticas e literárias”.

6. Conclusões

Ler é uma experiência repleta de vivências, emoções e conhecimento. Daí que a literatura seja condição essencial para a formação e o desenvolvimento integral do cidadão, com forte significado cultural, histórico e simbólico, e poderoso recurso para ampliação de nossa visão de mundo.

Vivemos uma época em que as novas tecnologias tornaram-se parte constitutiva de nossas vidas e em que a inserção de novos dispositivos de leitura – digitais, escritos, audiovisuais ou hipertextuais – vêm modificando não apenas nossos hábitos de leitura mas também nossa própria relação com o conhecimento, com os livros e com o mundo. Por isso, ações e projetos que têm o poder de unir a experiência da literatura a estratégias que objetivem a alfabetização midiática e informacional e a apropriação dos novos meios e linguagens comunicacionais tornam-se essenciais para o futuro de nossas crianças e jovens na sociedade atual, assim como para o exercício da cidadania e dos direitos humanos.

Nesse sentido, uma das grandes contribuições do projeto Jovem Repórter nos Festivais Literários, realizado pelo Instituto Asas Comunicação Educativa, é propiciar à juventude a (re)descoberta da riqueza da literatura, procurando a criação de sentidos a partir da interrelação entre esta e os novos meios tecnológicos. Assim, atua de forma mais significativa: ao mesmo tempo que favorece e valoriza a leitura e conecta a literatura às vivências juvenis, prepara os jovens

para saberem lidar, de maneira crítica e participante, com uma multiplicidade de meios e informações que direcionam, hoje mais que nunca, o destino de nossa sociedade.

Muito já se discutiu se as ferramentas e os dispositivos digitais podem, no longo prazo, acabar com os livros impressos. O Instituto Asas prefere acreditar no contrário, entendendo o livro como uma tecnologia bem-sucedida e ainda inovadora, apesar de seus quase 600 anos, e apostando na articulação de espaços de conexão entre este e as novas tecnologias, o que contribuirá tanto para a compreensão dos novos códigos de leitura e de conhecimento quanto para a descoberta da essencialidade da literatura em nossas vidas.

Referências

BUCKINGHAM, David. *Media Education – Literacy, Learning and Contemporary Culture*. Inglaterra: Polity Press, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. *Direitos Humanos e Literatura*, s/d. Disponível em: <https://bibliaspa.org/wp-content/uploads/2014/09/direitos-humanos-e-literatura-por-antonio-candido.pdf> Acessado em 10/10/2018

FERREIRA, Juca. Palestra de abertura do Seminário Internacional sobre Políticas Públicas do Livro e Regulação de Preços, ocorrida em 30 de junho de 2015, em Brasília. Acesso em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/ministro-da-cultura-diz-que-baixo-indice-de-leitura-no-brasil-uma-vergonha-16606376>. Acessado em 01/10/2018

FREIRE, Paulo. Congresso Brasileiro de Leitura, Campinas (SP), 1981.

GRIZZLE, Alton et al. *Media and information literacy: policy and strategy guidelines; policy brief*. Unesco, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A Comunicação na Educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Desafios Culturais da Comunicação à Educação*. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, maio/ago 2000, p. 51 a 61.

MASTERMAN, Len. *Teaching the Media*. Nova York: Media Press, 1985.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *Criticidade e leitura: ensaios*. São Paulo: Global, 2009.

Sobre a autora

Lucia Caetano - Atuando há 33 anos na área de Jornalismo, Lucia Caetano acumulou experiência em várias funções, como redatora, repórter, editora-chefe e consultora em planejamento estratégico de comunicação. Desde 2009, é diretora do Instituto Asas Comunicação Educativa, organização social de interesse público que atende em sua maioria crianças e jovens, com projetos educacionais que visam desenvolver as competências relacionadas ao conhecimento midiático e informacional, além de incentivar a experimentação dos meios, como forma de ampliar a participação e expressão dos cidadãos na sociedade e despertar seu pensamento crítico. Mais de 8.000 pessoas já passaram pelos projetos educacionais do Instituto, alguns dos quais realizados dentro de escolas públicas. A convite da UNESCO e do Comitê Mundial de Educação Continuada (CMA), a autora representou o Brasil no 5th World Forum for Lifelong Learning / Sustainable Development, realizado em setembro de 2017, em Madri, na Espanha. Desde 2017, Lucia Caetano é mestranda na Universidade Metodista de São Paulo, na área de Comunicação Social e na linha de pesquisa Comunicação Comunitária, Territórios de Cidadania e Desenvolvimento Social. É casada há 30 anos com o fotógrafo Walter Craveiro e têm um filho de 24 anos, Pedro Caetano Craveiro. E-mail: luciaccaetano@projetoasas.com.br